

ENTREVISTA COM ELIZABETH CLOSS TRAUOGOTT E GRAEME TROUSDALE*INTERVIEW WITH ELIZABETH CLOSS TRAUOGOTT AND GRAEME TROUSDALE**Karen Sampaio Braga Alonso¹**Diego Leite de Oliveira²*

Desde a última década, muitos livros e artigos têm sido publicados no campo da mudança linguística, em uma abordagem funcional-cognitiva. Entre essas contribuições, o livro *Constructionalization and Constructional Change* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) tornou-se um livro de leitura obrigatória para quem trabalha ou deseja trabalhar com construções em uma perspectiva diacrônica. Os autores, Elizabeth Traugott and Graeme Trousdale, trouxeram a público um texto provocador sobre como novas construções são cunhadas na língua ao longo dos séculos. Para isso, estabeleceram uma diferença entre construcionalização e mudanças construcionais, considerando a primeira como a criação de uma nova construção e a última como mudanças na forma ou no sentido de uma construção pré-existente.

No Brasil, como em diversas partes do mundo, o livro se tornou popular e passou a figurar no centro de um rico debate sobre a conciliação entre *Gramática de Construções*, um modelo teórico sobre o conhecimento linguístico do falante, e a *mudança linguística*, que vai além do tempo de vida de um indivíduo. Para aqueles que adotam os conceitos do livro e os que criticam algumas das definições e entendimentos apresentados pelos autores, há ainda muitas questões em aberto acerca da abordagem diacrônica da gramática.

Na sequência desse debate, estamos muito felizes por termos entrevistado Elizabeth Traugott (Professora Emérita da Universidade Stanford) e Graeme Trousdale (Professor da Universidade de Edimburgo) para celebrar os dez anos da publicação de *Constructionalization and Language Change*. Nesta entrevista, você poderá ver o modo como os autores veem seu trabalho de 2013, como eles dialogam com as críticas recebidas e como eles entendem a mudança linguística em 2023.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Há dez anos, vocês publicaram *Constructionalization and Constructional Changes*. Daquele momento em diante, o livro foi considerado uma das principais contribuições a oferecer uma teoria sistêmica para a mudança linguística em uma perspectiva construcionista baseada no uso. Ele ganhou popularidade e ainda vem sendo utilizado e citado por diversos pesquisadores dedicados ao estudo da mudança linguística no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Assim, gostaríamos de voltar no tempo e pedir a vocês que nos contem sobre as motivações, expectativas e a discussão envolvida na preparação do livro.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), karensampaio@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0002-7853-0015>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diegooliveira@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0003-0601-4131>.

ELIZABETH TRAUOGOTT E GRAEME TROUSDALE: Para começar, fornecemos respostas individuais para essa primeira questão e, depois, escrevemos algo sobre nossas influências conjuntas e nossa colaboração anterior e durante a escrita de Traugott e Trousdale 2013 (doravante, T&T, 2013).

ELIZABETH TRAUOGOTT: Acredito que meu interesse na Gramática de Construções (GC) residiu inicialmente no fato de que ela fornecia não somente um modo de pensar forma e significado ao mesmo tempo, mas realmente requeria esse foco duplo, algo que o modelo de gramaticalização com o qual eu estava trabalhando não exigia (embora permita análises em termos de forma e função, isso não é um requisito). Além disso, uma abordagem construcional permite investigar um conjunto maior de estruturas linguísticas tais como as bitransitivas do tipo *I gave the boys muffins for breakfast*³. A proposta de Croft (2001) de que uma construção é uma unidade com dois conjuntos de componentes, um de forma e outro de significado, ligados por um *link* de relação simbólica, ofereceu um modo de falar sobre como os componentes de uma unidade podem mudar independentemente. Com isso, meu trabalho inicial foi profundamente influenciado pela gramaticalização. Para mim, um congresso importante foi o que Alexander Bergs e Gabriele Diewald organizaram e cujos trabalhos aparecem em Bergs e Diewald (2008). Contudo, foi só com o congresso *New Reflections on Grammaticalization - NRG*⁴ de 2008, em Leuven, do qual Graeme fala abaixo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2010), que eu entendi totalmente o quão diferentes são as questões levantadas num modelo e no outro e consegui me libertar de pensar as coisas pela lente da gramaticalização. A gramaticalização indaga como uma unidade gramatical (que Joan Bybee e seus colegas chamam de ‘gram’) vem a existir, ao passo que uma abordagem construcionista histórica questiona como uma construção vem a existir!

GRAEME TROUSDALE: Penso que a motivação para o livro veio inicialmente da participação de uma palestra que Elizabeth deu na Universidade de Edimburgo em 2004, e de uma reflexão maior sobre Brinton e Traugott (2005), particularmente o modo como o livro articulava similaridades e diferenças entre gramaticalização e lexicalização. Eu estava ansioso para pensar em um quadro teórico que tivesse um tratamento uniforme para os *outputs* de ambos os processos. Eu também estava trabalhando com um estudante de doutorado, Takeshi Koike, que estava interessado nas dimensões diacrônicas da Gramática Cognitiva de Langacker, particularmente em relação à perda de várias funções do genitivo na transição do inglês antigo para o inglês médio. Isso me levou até a GC e a estudar a perda de estruturas impessoais no inglês, indagando como o quadro teórico da GC pode ser usado para explicar mudanças de caso lexical para caso estrutural, e como isso se liga à gramaticalização. No meio disso tudo, havia ainda um outro ponto que tinha a ver com a relação entre gradiência e gradualidade na mudança linguística (por exemplo, a perda gradual de funções do genitivo em inglês e como isso se reflete como gradiência em uma parcela sincrônica da língua no período do inglês médio). Elizabeth e eu compartilhamos ideias em relação a esses e outros tópicos afins em

³ Eu dei muffins para os meninos para o café da manhã.

⁴ Novas reflexões sobre gramaticalização.

uma série de congressos e workshops em meados dos anos 2000, e decidimos fazer uma parceria, realizando um workshop sobre gradiência e gradualidade no congresso NRG, em Leuven, em 2008, o que levou à publicação de Traugott e Trousdale (2010). No mesmo congresso, falamos posteriormente com Muriel Norde sobre desgramaticalização e foi exatamente a partir daquele ponto que o foco se tornou observar se a GC poderia trazer uma forma fundamentada para falar sobre as similaridades e diferenças entre gramaticalização, lexicalização e desgramaticalização. Nós vínhamos trabalhando de forma independente com conjuntos de dados diferentes do inglês (por exemplo, Elizabeth sobre quantificadores e clivadas, e eu sobre a marcação de possessivos e predicados posicionais). Então, nós decidimos ver o que um esforço colaborativo posterior poderia produzir.

ELIZABETH TRAUGOTT E GRAEME TROUSDALE: Nos anos de 2010, nós dois estávamos bastante influenciados por estudos em gramaticalização (particularmente o trabalho de Nikolas Himmelmann (2004) com gramaticalização como expansão e redução de contextos, o trabalho de Christian Lehmann (2008) com combinação de orações, os vários projetos ocorrendo na Universidade Católica de Leuven, desenvolvidos por Hubert Cuyckens, Kristin Davidse e seus estudantes de doutorado na época, como Tine Breban, Hendrik de Smet e Peter Petré (veja, por exemplo, BREBAN, 2010; DE SMET, 2013; PETRÉ, 2014) e o novo trabalho em estudos diacrônicos trazidos pela Linguística Cognitiva (como HILPERT, 2008, 2013). Embora não concordássemos com todas as ideias que eles propunham, aquele era um período muito fértil para as abordagens de pesquisas baseadas no uso, para tratar a mudança linguística. Ao discutirmos o trabalho desses e de outros pesquisadores e pensarmos sobre nossa interpretação de dados da história do inglês com os quais estávamos trabalhando, decidimos tentar responder ao seguinte questionamento: assumindo que a língua é de fato organizada como sugerem os construcionistas, ou seja, como uma rede de pareamentos de forma e função, compartilhada entre um grupo de falantes, como, então, devemos entender as similaridades e diferenças entre mudanças que têm sido caracterizadas como gramaticalização, lexicalização e desgramaticalização? Essa é a questão no coração de T&T (2013). Nunca pretendemos que o livro fosse um ‘manual’ de como realizar pesquisa em Gramática de Construções Diacrônica – GCD, (até mesmo porque ele disse pouco sobre a dimensão quantitativa que caracterizou muitas pesquisas novas nessa área). De fato, a questão como formulada acima é importante no que se refere a como esperávamos que o livro fosse lido – ele assume construções como dadas e então pergunta como nós entendemos os processos particulares de mudança linguística. Um outro tipo de livro em GCD poderia ter começado pelos processos e, aí, perguntado se isso é uma evidência que sustenta a afirmação sobre se são as construções daquela língua o que conhecem os falantes quando conhecem uma língua⁵. Naturalmente essas duas coisas estão relacionadas, mas nós acreditamos ser importante acentuar que nós víamos o livro primeiramente como uma contribuição para a linguística histórica e secundariamente para as teorias de representação do conhecimento linguístico.

⁵ What speakers know when they know a language.

REVISTA LINGUÍSTICA: Em 2013, vocês descreveram construcionalização como a criação de (combinações de) signos de forma_{nova}-significado_{novo}, formando novos nós, que tem nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. Desde aquele momento, vários linguistas vêm usando essa concepção e essa definição ao atestarem ou postularem a emergência de novas construções em uma dada língua. Por outro lado, essa definição vem sendo discutida, resenhada e criticada por alguns pesquisadores que argumentam que a distinção entre construcionalização e mudanças construcionais não é fácil de delinear ou que essa distinção, embora teoricamente viável, não se mantém empiricamente (cf. BÖRJARS; VINCENT; WALKDEN, 2015; ou HILPERT, 2021). Como vocês enxergam o impacto da proposta de T&T (2013) nos estudos diacrônicos em Gramática de Construções e como os seus estudos atuais têm se beneficiado do diálogo com pessoas que estão pensando a mudança linguística em Gramática de Construções, principalmente no que se refere à abordagem para a construcionalização?

ELIZABETH TRAUGOTTE GRAEME TROUSDALE: A pergunta de vocês toca no impacto de T&T (2013) sobre a GCD, mas como dissemos acima, esperávamos que T&T (2013) trouxesse uma contribuição para os desenvolvimentos recentes em Linguística Histórica, especialmente a relação entre as ideias da GCD e o trabalho com gramaticalização e mudanças relacionadas. A partir dessa perspectiva da Linguística Histórica, tentamos compreender dois aspectos específicos:

- (a) como uma construção tem origem;
- (b) se o desenvolvimento de construções com funções diferentes (por exemplo, gramatical vs. lexical) é similar ou diferente ao longo de um conjunto de parâmetros (principalmente esquematicidade, produtividade e composicionalidade).

É claro que outros pesquisadores têm questões diferentes, porém relacionadas, e nós temos nos beneficiado do diálogo antes, durante e desde a escrita do livro.

A pergunta de vocês tem duas partes principais – em primeiro lugar, qual é o impacto que consideramos que T&T (2013) teria e, em segundo lugar, nossa reação em relação à recepção do livro. Pensamos que a melhor forma de avançar no conhecimento é compartilhar e discutir ideias com os outros, alguns dos quais estão mais alinhados com o nosso jeito de pensar e outros não assim tão alinhados. Isso significa que nós recebemos bem e aprendemos com vários pesquisadores que responderam a algumas de nossas ideias, especialmente aqueles que tinham muitos pontos críticos em relação ao que nós propusemos. Provavelmente, a ideia mais controversa no livro é a noção de construcionalização em si. Um objetivo principal do livro era tentar chegar a uma caracterização viável de construcionalização. Sentíamos que uma caracterização assim era inevitável para um livro que assumia como dados (como afirmamos acima) os princípios básicos de uma GC baseada no uso no modelo de Goldberg, tal como o de que os falantes conhecem construções. Com certeza, houve um

debate animado sobre se nossa caracterização era viável, e mesmo útil para pensar sobre as diferentes formas com as quais uma construção pode mudar.

Em termos de influenciar outra pesquisa, sentimos que cabe aos outros dizer se eles consideram que T&T (2013) causou impacto em seu pensamento. Mas esperamos que tenhamos sido capazes de encorajar pesquisadores a repensar a gramaticalização ainda mais no contexto de como as construções mudam, idealmente em uma variedade de línguas diferentes do inglês. Também esperávamos fornecer um quadro teórico para uma abordagem textual para GCD (como um complemento ao trabalho mais difundido com abordagens quantitativas). Finalmente, ambos somos interessados por como o significado é negociado através da interação falante-ouvinte⁶ e as consequências disso para a mudança morfosintática, de modo que acreditamos que o livro seria de interesse para pesquisadores em um subcampo da pragmática histórica.

Falaremos mais sobre a segunda parte da pergunta de vocês em nossa resposta à terceira questão, já que o modo como nós reagimos à recepção de T&T (2013) se reflete em nossas agendas de pesquisa (tanto individualmente, como em parceria). Mas gostaríamos de enfatizar aqui nossa afirmação anterior sobre o fato de que o avanço no conhecimento é otimizado quando há o compartilhamento de ideias com o maior conjunto de pesquisadores possível. Já que toda pesquisa se constrói com base em pesquisa anterior, temos nos engajado em repensar a construcionalização em particular e a GCD em geral.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Aproximadamente dez anos depois de *Constructionalization and Constructional Changes*, vocês revisitaram o termo *constructionalization*. Mais recentemente, vocês adotaram uma nova versão, em que construcionalização “é o estabelecimento de uma nova relação simbólica convencionalizada entre forma e significado, que vem a ser replicada pela rede dos falantes da língua e que envolve a adição ao construct-i-con⁷”. Tendo isso em vista, gostaríamos de saber sobre as motivações e implicações metodológicas dessa nova versão de construcionalização em comparação a versão anterior.

ELIZABETH TRAU GOTT E GRAEME TROUSDALE: Há uma série de motivos para nós repensarmos o conceito de construcionalização, mas gostaríamos de discutir dois tópicos que pensamos serem cruciais. O primeiro se refere a avanços em GCD de um modo mais geral e particularmente ao trabalho psicolinguístico e experimental no campo. O segundo tem foco mais abertamente diacrônico e se refere a avanços no entendimento de qual é a evidência de que uma nova construção venha a existir e como as construções existentes mudam.

Sobre a primeira questão, trabalhos psicolinguísticos, teóricos e outros do tipo sincrônico em GC têm levado a uma visão do que sejam construções muito mais permissiva, em comparação à caracterização de Goldberg (1995, p. 4) “C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se C é um

⁶ N. dos entrevistados: usamos falante-ouvinte como um termo guarda-chuva para vários tipos de interação quem produz e percebe linguagem.

⁷ Rede de construções.

pareamento de forma e significado <Fi, Si> de modo que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não é estritamente previsível a partir das componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas”. Foi essa definição que influenciou nosso pensamento inicial, enquanto trabalhávamos em T&T (2013). Ela ressaltou a não previsibilidade e a idiosincrasia da forma e/ou função. Se uma construção assim definida é tomada como a principal unidade de construção da língua, um linguista histórico com uma visão construcionista precisa identificar o desenvolvimento de uma configuração particular da forma e da função em dado sistema linguístico, mostrando como o sistema muda para acomodar padrões inovadores.

Visões mais recentes – tanto do que é uma construção (por exemplo, GOLDBERG, 2019) e o que, portanto, é mudança construcional (por exemplo, HILPERT, 2021) – deslocam a discussão de um sistema linguístico composto por construções identificáveis e definidas de um modo preciso para modelos mais emergentistas e estatísticos do conhecimento linguístico, em que conhecer uma língua é, em essência, um processo de monitorar dados de frequência variável em interação.

Isso leva à segunda questão. Provavelmente a crítica mais frequente a T&T (2013) no campo da GCD se refere ao nosso foco em novas construções, ou como construções passam a existir. Muitos outros trabalhos em GCD estão preocupados com como uma construção existente muda. Essas mudanças estão relacionadas, mas são fenômenos distintos e se conectam fortemente aos métodos usados por diferentes pesquisadores. Uma coisa é buscar uma dada sequência (mesmo se essa sequência é parcialmente esquemática) em um corpus anotado e monitorar como ela muda. É uma coisa bem diferente estabelecer como dada sequência surge em primeiro lugar. A construção com *way* é um bom exemplo. É possível buscar sequências do tipo [V POSS *way* PP] para estabelecer quais Vs ocorrem na construção e em que período, e estabelecer mudanças na trajetória denotada pelo PP. Mas o que precisamente você procura para descobrir como a sequência [V POSS *way* PP] veio a ter um significado não composicional? Como você estabelece e delimita quais construções *input* são anteriores à criação da construção com *way* e quais contextos discursivos podem ser relevantes para o desenvolvimento do significado específico? Tentar entender tanto como uma construção tem origem quanto como uma construção é modificada tem valor. Ambos os esforços revelam sobre nossa capacidade de linguagem e por que as línguas mudam. Mas ambos têm métodos muito diferentes e fazem questões sobre estágios distintos da mudança.

Ambos os (conjuntos de) avanços tem influenciado de um modo importante o nosso trabalho recente. A nova pesquisa em GCD tem realçado a arquitetura da rede construcional (DIESSEL, 2019; HILPERT, 2021) e a mudança de foco dos nós para os *links* entre os nós. Muitos desses trabalhos ainda são relativamente novos em GCD, mas nós concordamos que um entendimento mais preciso sobre a natureza da rede linguística será frutífero para pesquisa futura. Em nossa caracterização, estávamos pensando sobre três aspectos diferentes da rede, como a seguir:

1. Queríamos prestar mais atenção ao link que existe entre forma e função. Em outras palavras, estávamos ansiosos para reconceptualizar a construcionalização como envolvendo um modo convencionalizado de conectar forma linguística e significado (amplamente

construído). Essa nova configuração é um novo recurso para os usuários da língua, que eles podem implantar na comunicação. O *link* entre forma e significado é importante, porque serve para identificar como uma parcela do espaço do significado está conectada a uma configuração formal. Ao focar nesse tipo particular de *link*, não queremos ignorar outras ligações importantes para a mudança construcional (por exemplo, os vários *links* que demonstram tendências colocacionais entre construções, ou *links* associativos que existem entre construções relacionadas). No entanto, o *link* que nós focamos é bastante diferente de outros tipos de *links* porque ele é simbólico. No trabalho de Ronald Langacker (por exemplo, LANGACKER, 1987), itens lexicais e estruturas gramaticais são compreendidas como pareamentos simbólicos⁸. Um traço importante dos links simbólicos é que eles são algo com que grupos de falantes passam a concordar (ou seja, eles são convencionalizados em decorrência da interação falante-ouvinte). Sendo assim, reconhece-se que construções são produto da mudança, não uma inovação, porque são convencionais e surgem como resultado de práticas de grupos de falantes (um tópico ao qual retornamos abaixo em nossa resposta à pergunta de vocês sobre inovação e mudança).

2. Assim, nós também queremos dar atenção à ideia de que a forma de pertencimento ao *construct-i-con* deve mudar em decorrência da construcionalização. Independentemente de como o *construct-i-con* é concebido – se ele inclui conhecimento sobre como combinar construções, por exemplo – nossa caracterização atualizada é uma tentativa de sublinhar a ideia de que a o modo de pertencimento ao *construct-i-con* deve mudar com o tempo. Não é meramente o caso de construções existentes estarem mudando: em tal cenário, o pertencimento ao *construct-i-con* nunca mudaria, já que tudo o que aconteceria é que as construções variariam em alguma dimensão de sua forma ou função. E é claro que pelo menos em algum nível deve haver acréscimos e perdas no *construct-i-con*, entendido como um recurso compartilhado, comum. Novas construções lexicais (por exemplo, *blog* do inglês contemporâneo) surgem e as antigas (como, por exemplo, *eaxlgstealla* lit. ombro.camarada ‘amigo do peito’, do inglês antigo) desaparecem. Se tais construções podem aparecer e desaparecer do *constructo-i-con* no decorrer do tempo, então não temos motivos para suspeitar que outras construções mais complexas e esquemáticas deveriam se comportar de um jeito diferente, dada a ideia de que conhecer uma língua significa conhecer as construções daquela língua. Isso se relaciona intimamente com o trabalho sobre a mudança de construções de estrutura argumental (por exemplo, ZEHENTNER; TRAUGOTT, 2020), sobre construções bitransitivas do inglês e outras relacionadas) e levanta questões interessantes sobre o que precisamente os falantes conhecem. No caso de Zehentner and Traugott (2020), por exemplo, a pesquisa levantou questões sobre se o conhecimento do falante inclui o conhecimento só de aloconstruções, só de construtemas ou dos dois.
3. Como nós discutimos acima, muitos trabalhos nossos se referem à subárea de análise textual da GCD e esse trabalho no domínio mais textual tem sido importante na reconceptualização. Elizabeth publicou recentemente um livro sobre a GCD e o desenvolvimento de marcadores de estruturação do discurso (DSMs; veja a resposta à última pergunta desta entrevista) e um artigo de congresso no qual a nova caracterização de

⁸ N. do T. Symbolic assemblies.

construcionalização que foi apresentada era sobre o marcador *by the way* (TROUSDALE; TRAUGOTT, 2021). A estruturação do discurso não foi algo que nós cobrimos em detalhes em T&T (2013). Nossa mudança de pensamento sobre GCD foi em parte no reconhecimento da necessidade de uma discussão mais profunda sobre fatores textuais (e a relação entre estruturação do discurso e morfossintaxe).

REVISTA LINGUÍSTICA: A Gramática de Construções Diacrônica tornou-se um campo muito frutífero na teoria geral da Gramática de Construções, dedicado à mudança linguística (T&T, 2013; HILPERT, 2013, 2021; PETRÉ, 2014, BARÐDAL *et al.*, 2015; SOMMERER, 2018; SOMMERER & SMIRNOVA, 2020). Como um novo campo, ela se depara com novos desafios, como a definição de seu exato objeto, a diferença entre Gramática de Construções Diacrônica e Teoria da Gramaticalização, ou o problema de como acomodar as mudanças empiricamente atestadas em um modelo de redes viável (cf. HILPERT, 2018; SOMMERER; SMIRNOVA, 2020). Considerando esses aspectos, quais são, em sua opinião, as principais questões em aberto da Gramática de Construções Diacrônica baseada no uso?

ELIZABETH TRAUGOTT E GRAEME TROUSDALE: Nós pensamos que há muitas questões que merecem ser exploradas na GCD, mas se tivéssemos que estreitar a lista, consideraríamos que as questões abaixo são linhas potencialmente muito produtivas de investigação.

1. Como o nosso conhecimento da GCD é realçado observando um conjunto maior de línguas, de um conjunto mais amplo de famílias linguísticas? O trabalho de William Croft, tanto com mudança linguística em geral (CROFT, 2000), como com a Gramática de Construções Radical (CROFT, 2001), sempre teve foco tipológico e compreendeu padrões de mudança linguística com a perspectiva comparativa em pauta. Esses dados, no entanto, geralmente provêm de gramáticas de línguas menos estudadas ou da reconstrução comparativa. Isso contrasta com outro trabalho em linguística, especialmente o trabalho com o que pode ser chamado de tradição textual (o monitoramento de mudanças no decorrer do tempo, em línguas com um registro histórico extenso), que em si vem sendo repensado à luz de dados de corpora computadorizados. Entretanto, muito do que é teorizado sobre mudança linguística vem de uma fração de línguas do mundo muito pequena (e geralmente uma fração ainda menor de variedades daquelas línguas).
2. Nós identificamos (pelo menos duas) linhas de pesquisa diferentes na GCD. Uma diz respeito primeiramente ao entendimento do desenvolvimento de construções em usos textuais particulares, investigando como o discurso pode modelar associações forma-função. Outra vê corpora (diacrônicos) como reflexos do conhecimento da comunidade, que capacita o pesquisador a fornecer uma análise quantitativa cuidadosa, por exemplo, das mudanças de frequência e de colocações. Essas perspectivas diferentes na GCD complementam uma a outra (e, portanto, reforçam uma a outra mutuamente) ou estamos numa posição em que há duas abordagens distintas que endossam coisas diferentes? O que essas duas abordagens, separadamente ou juntas, nos dizem sobre como construções podem mudar?

3. De um modo relacionado, qual é a extensão da mudança no ‘conhecimento de construções’? Até recentemente, tem tido um foco sobre a mudança na ‘estrutura interna’ das construções (os ‘nós’ da rede construcional), tentando entender como mudanças afetam generalizações entre tipos construcionais (esquematisação) ou como os *slots* em uma construção mudam (por exemplo, as mudanças no slot V na construção com *way*). Muito menos tem sido dito sobre mudanças no conhecimento sobre quais construções podem se combinar e quais restrições existem em tais combinações. Isso requer um foco maior sobre os ‘links’ da rede construcional. Como tais links mudam e será que a mudança nos links é do mesmo tipo que a mudança nos nós?
4. Qual a posição da GCD sobre mudança fonológica? O trabalho de Joan Bybee sobre mudança fonológica (particularmente sobre o papel de exemplares na mudança fonológica) tem conexões claras com princípios da mudança construcional, como a própria Bybee tem indicado (por exemplo, BYBEE, 2013). Mas o tratamento da mudança fonológica tem sido amplamente estudado independentemente de construções. Em outras palavras, embora ‘propriedades fonológicas’ tenham sido consideradas parte da organização estrutural das construções, dificilmente qualquer atenção tem sido dada na literatura em GCD em relação a como essas propriedades mudam, e qual sua relação com outros tipos de mudança linguística. Há trabalho considerável em abordagens baseadas no uso em relação à fonologia, especialmente no campo da Fonologia de Laboratório, com seu foco em gradiência sincrônica, mas as conexões entre abordagens baseadas no uso para mudança gramatical (ou seja, mudança morfossintática) e fonológica não tem sido amplamente exploradas no quadro teórico da GCD.

REVISTA LINGUÍSTICA: Considerando que inovação e mudança são conceitos-chave para o estudo da dinâmica da mudança linguística e que às vezes é difícil estabelecer uma linha discreta entre eles, vocês poderiam nos esclarecer as diferenças entre esses dois conceitos e a importância deles em uma abordagem baseada no uso também para a mudança linguística?

ELIZABETH TRAU GOTT E GRAEME TROUSDALE: Vemos a distinção entre inovação e mudança como conectadas à distinção entre indivíduos e grupos de indivíduos. Vemos inovação como uma alteração na representação na mente de um indivíduo e mudança linguística como uma alteração no comportamento linguístico de mais de um indivíduo. De um modo importante, tanto inovações como mudanças decorrem da interação entre indivíduos e tanto inovações como mudanças podem ser de curta duração ou sem sucesso. Muitos linguistas tendem a se interessar por mudanças relativamente bem-sucedidas, especialmente as que moldaram línguas padrão com uma história textual rica, porque vários estágios podem ser traçados, seja qualitativa ou quantitativamente, nos manuscritos (versões editadas) ou corpora computadorizados. Mas ‘sucesso’ é só uma questão de grau e de repetição, e alterações bem-sucedidas não são de maior interesse teórico do que as não bem-sucedidas ou limitadas (embora mudanças bem-sucedidas (não inovações) sejam de maior interesse teórico em uma perspectiva sociolinguística). Uma inovação de sucesso é a que está relativamente mais enraizada na mente de um indivíduo do que está a malsucedida. Uma mudança

bem-sucedida é a que vem a caracterizar o comportamento de um grupo social de indivíduos mais amplo do que a malsucedida.

Demos uma distinção razoavelmente precisa entre inovação e mudança porque queremos ser claros sobre o que pensamos ser o escopo relevante de investigação. Não estamos sugerindo que não há uma conexão entre inovação e mudança – como notamos acima, a interação está no coração de ambos os processos, e Schmid (2020) articula a relação extremamente bem em seu modelo de rotinização e convencionalização. Além disso, provavelmente não estamos alinhados com a maioria dos pesquisadores em uma tradição emergentista, ao fazermos a distinção entre inovação e mudança do jeito que fazemos porque mudanças nas representações são difíceis de implementar em um modelo em que não há representação sobre a qual falar. No modelo emergentista, presumivelmente tanto a inovação como a mudança se relacionam com mudanças de frequência, a primeira medida através de experimentos sobre diferenças no comportamento de indivíduos, a segunda medida através de pesquisa em corpus sobre as diferenças em perfis entre conjuntos de sujeitos ou textos.

Para responder à pergunta de vocês sobre as principais questões em aberto da GCD, mencionamos que vemos construções como o produto da mudança, não inovação, porque construções envolvem uma ligação simbólica, e símbolos são por definição convencionais e, portanto, compartilhados. Uma consequência importante, e talvez negligenciada, dessa afirmação é que falantes individuais podem não ‘conhecer’ construções. Eles conhecem pareamentos de forma e significado e estes podem estar enraizados (acessados como uma unidade). Mas eles podem também ser altamente idiossincráticos do idioleto. Certamente esses pareamentos de forma e significado tipo unidades podem ser compartilhados com, pelo menos, um outro falante (caso em que eles são construções), mas até serem compartilhados não podem ser construções por definição.

REVISTA LINGUÍSTICA PARA GRAEME: E, 2022, você deu a conferência online *Functionalism and Change in language network* no Seminário Internacional de Linguística Funcional. Naquela ocasião, você adotou a abordagem da *Word Grammar* (WG) para investigar a mudança linguística. Essa foi uma fala muito pertinente e, como tal, gostaríamos de pedir a você que fale um pouco mais sobre a seguinte declaração: “a *Word Grammar* lida melhor com a rede linguística do que a Gramática de Construções”.

GRAEME TROUSDALE: Obrigado pelas suas palavras gentis sobre a minha fala. A WG é uma teoria de palavras e essa teoria pode acomodar construções, mas não assume construções como a unidade básica da língua, até mesmo porque a WG não é uma gramática de estrutura sintagmática. Penso que a WG tem uma articulação melhor com a rede linguística do que a GC, porque a primeira fornece uma abordagem baseada no uso da língua (os falantes constroem a estrutura a partir de dados do uso, seja essa estrutura envolvendo a classificação de palavras, seja envolvendo um entendimento das combinações possíveis de palavras). Sua visão da rede linguística é dinâmica (reconhecendo que palavras particulares e relações entre palavras podem estar mais enraizadas do que outras e que os usuários da língua são capazes de armazenar informação sobre ocorrências específicas). De um

modo crucial, ela fornece uma teoria formal (ausente em muitas versões da GC com exceção da Sign-Based Construction Grammar⁹, que não é baseada no uso), a qual permite muito mais precisão na descrição de como representações mudam e por que alguns tipos de alterações podem ser mais prováveis do que outras. É claro o fato de que os falantes fazem uso de *chunking* no sentido de Bybee e ainda não está claro para mim como a WG pode lidar com tais *chunks* (mas veja HUDSON, 2010 para alguma discussão). Eu penso que é particularmente importante quando se trata do estudo da mudança linguística (uma área que é pouco pesquisada em WG), porque é claro que, no decorrer do tempo, *chunks* não analisáveis se desenvolvem a partir de sequências de palavras independentes (por exemplo, casos clássicos de lexicalização como *holiday* ‘dia que não é passado no trabalho’ < *halig.dæg* ‘holy day’; ou *sheriff* ‘oficial da lei, policial’ < *scir.refa* ‘shire reeve’, assim como outros casos de univerbação de formas que tem uma função mais gramatical como *gonna*). Meu trabalho atual destina-se a fornecer um tratamento mais detalhado sobre a natureza da mudança linguística em WG, especialmente em conexão com mudanças de relações entre palavras de vários tipos, adicionando ao trabalho feito na implementação diacrônica da WG por Richard Hudson (HUDSON, 1997) e especialmente Nikolas Gisborne (por exemplo, GISBORNE, 2010, 2011, 2017). Espero que essa pesquisa contribua para um maior entendimento da dinâmica da rede em WG e permita alguma comparação com o excelente trabalho com redes na GCD sendo realizado atualmente por pesquisadores como Holger Diessel (2019), Martin Hilpert (HILPERT, 2021) e Tobias Ungerer e Stefan Hartmann (UNGERER; HARTMANN, 2023), entre outros.

REVISTA LINGÜÍSTICA PARA ELIZABETH: Você acabou de publicar o livro *Discourse structuring markers in English: A historical constructionalist perspective on pragmatics*. Considerando que você é uma linguista renomada e com publicações no campo da Linguística Histórica no decorrer de toda a sua carreira, você poderia, por favor, nos contar o que os leitores poderiam esperar desse livro?

ELIZABETH TRAUGOTT: Sim, eu venho publicando sobre mudança semântica e particularmente sobre o papel da inferência pragmática nessa mudança por mais de quarenta anos! Em 1982 eu publiquei um trabalho em que *while* é um exemplo. Minha ideia, na época, era que ele foi gramaticalizado durante o período do inglês médio a partir de um subordinador, o *hwile that* – *durante o tempo em que* – e veio a ser usado como um conectivo coordenativo que significava tanto ‘durante’ (*during*) como ‘embora’ (*although*). O uso concessivo como *although* me interessava porque ele é subjetivo. O tipo de conectividade de contra-expectativa que ele marca não se correlaciona com condições de verdade; não fazia parte do que Sweetser (1990) mais tarde chamaria de mundo ‘sócio-físico’; é parte do mundo cognitivo (o mundo epistêmico de SWEETSER). No momento, objetividade era altamente valorada e argumentar, como Lyons (1982) e Langacker (1990) também fizeram, que a subjetificação era um fenômeno importante era uma batalha ascendente. Uma vez me perguntaram, depois de uma apresentação sobre *in fact*, por que eu me incomodava com expressões

⁹ Nota do T.: Gramática de Construções Baseada em Signos.

que geralmente são removidas em edição! Extrair, durante a edição, muitos desses marcadores pode resultar em um discurso seco, às vezes incoerente! Demorou um tempo para que a importância de marcadores pragmáticos de vários tipos fosse reconhecida, graças, especialmente, ao trabalho, nos EUA, de Laurel Brinton, Bruce Fraser e Deborah Schiffrin e, na Europa, de Gaétane Dostie, Maj-Britt Mosegaard Hansen, Ursula Lenker, Jacqueline Visconti, entre muitos, muitos outros.

Desde a escrita do trabalho de 1982 eu venho tentando refinar meu entendimento sobre os modos como a mudança semântica pode decorrer de inferência pragmática, usando um amplo conjunto de exemplos da história do inglês.

Avanço, agora, rapidamente para meados de 2010, um momento em que eu mudei meu pensamento do quadro teórico da gramaticalização para o quadro construcional da perspectiva de Goldberg. A teoria construcional era particularmente útil, já que a ideia de que a língua consiste em pareamentos de forma e função tocava uma das questões que eu tinha em mente. Mudanças de sentido se correlacionam com mudanças de forma (sintaxe e fonologia, especialmente prosódia), o pareamento é a chave para entender as histórias de muitas expressões e as formalidades da teoria requerem a abordagem dual. Fui convidada por Benjamin Fagard a participar de um congresso no CNRS e em Sorbone 3 em Paris sobre marcadores digressivos. Meu trabalho sobre *by the way* para esse congresso (TRAUGOTT, 2020) impulsionou a ideia por de trás do livro sobre Marcadores de Estruturação do Discurso (TRAUGOTT, 2022b). E o caminho foi pavimentado por Dez Palestras (*Ten Lectures*) que eu apresentei via Zoom sobre o assunto na Universidade Beihang, em Beijing, a convite de Fuyin (Thomas) Li (TRAUGOTT, 2022a). Tanto o livro com as Dez Palestras foram produtos da COVID-19!

O título aponta para minha proposta de que há uma classe de Marcadores de Estruturação do Discurso (MED) em inglês, e provavelmente na maioria das línguas, que são usados para sinalizar coerência no discurso. Eu argumento que é necessário fazer uma distinção entre conectivos que são minimamente pragmáticos (*on the one hand, instead*) e aqueles que são altamente pragmáticos (*but, after all, by the way*) em seus usos contemporâneos. Eu chamo todos de MED. A distinção é evidenciada pelas histórias dos marcadores altamente pragmáticos que eu chamo de Marcadores Discursivos (MD). Todos os MED começam sendo usados em sintagmas lexicais de conteúdo, mas alguns passam a ser usados como MD. Por exemplo, *by the way*, é usado como um adverbial circunstancial significando “ao passar” (*in passing*), como uma introdução ou equivalente a uma nota de rodapé, ou algo a parte, em um argumento complexo, geralmente filosófico. Ele vem a ser usado como um MED e é generalizado para outros contextos no século XVI. No século XVII ele veio a ser usado com um *hedge* ou marcador interpessoal.

Há uma série de estudos específicos detalhados no livro, modelados, na maioria dos casos, nos termos do conceito de construção de William Croft (2001) como uma unidade que parecia dois conjuntos de componentes ligados, um de forma (sintaxe, morfologia, fonologia), o outro de significado/função (semântica, pragmática, função discursiva). Eu mostro que cada um desses componentes muda no decorrer do tempo.

Um objetivo mais amplo do livro é buscar encontrar formas de incluir mais pragmática na Gramática de Construções, como menciona por Rita Finkbeiner em uma edição de 2019 da revista *Constructions and Frames*. Há também a discussão de duas questões mais teóricas particulares. Uma é a relação entre subjetificação e intersubjetificação, que tem sido tópico de algum debate. Eu proponho que para o conjunto de MEDs, pelo menos, a ordenação dos dois processos não é relevante, porque quando uma expressão vem a ser usada como MED ela é tanto subjetificada (expressa a postura do falante em relação ao texto) como intersubjetificada (exorta o interlocutor a concordar ou pelo menos avaliar a posição do falante). Quando um MED surge, subjetificação e intersubjetificação fracas ocorrem simultaneamente. Uma ou outra pode sofrer reforço em um momento posterior, por exemplo, quando *by the way* passou a ser usado como um *hedge*, ele passou por forte subjetificação.

A outra questão abordada é como pensar sobre posição, já que os MED ocorrem antes, no meio ou depois de cláusulas, às vezes com significados distintos. Eu sugiro que posição não é uma construção, adicionando um outro conjunto de evidência em resposta à questão de Thomas Hoffmann (2020) sobre o caráter robusto da famosa frase “são construções de cima a baixo” de Goldberg (2003, p. 223). Formulações padrão de MD são tipicamente apresentadas como sendo do tipo ‘Cláusula 1, Marcador, Cláusula 2’ (na notação de FRASER (1996 e em outras publicações do mesmo autor) ‘Segmento 1, Marcador, Segmento 2’). Isso exclui a discussão dos usos de final de cláusula, ao qual Schiffrin (1987) presta atenção significativa e mesmo à posição medial, cuja função informacional Lenker (2014) analisa em relação com contrastivos como *however*.

O livro não teria sido possível sem o trabalho de muitos outros. Graeme Trousdale, que inspirou muitos dos pensamentos construcionistas fundamentais; outros colegas e alunos, que levantaram questões e desafiaram algumas das minhas hipóteses no decorrer dos anos pessoalmente ou por escrito. Eu me sinto privilegiada por ter sido capaz de testemunhar o florescimento de uma pequena ideia sobre *while* no começo dos anos 1980 em uma grande questão de pesquisa sobre o papel da pragmática na construcionalização. Espero que o livro de 2022b promova a evolução futura de nosso entendimento sobre essa questão.

ELIZABETH TRAUOGOTT E GRAEME TROUSDALE: Para finalizar, gostaríamos de agradecer a vocês por nos darem a oportunidade de falar sobre T&T (2013) e as nossas reflexões desde que o livro foi publicado. Esperamos que esse empreendimento colaborativo na GCD continue a ajudar a revelar padrões de como as línguas mudam.

Referências

BARÐDAL, Jóhanna *et al.* (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 2015.

BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (eds.). *Constructions and Language Change*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2008.

- BÖRJARS, Kersti; VINCENT, Nigel; WALKDEN, George. On constructing a theory of grammatical change. *Transactions of the Philological Society* 113, 2015, pp. 363-82.
- BREBAN, Tine. *English Adjectives of Comparison: Lexical and Grammaticalized Uses*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, Joan L. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013, pp. 49-69.
- CROFT, William. *Explaining Language Change*. Harlow, Essex: Longman, Pearson Education, 2000.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DE SMET, Hendrik. *Spreading Patterns: Diffusional Change in the English System of Complementation*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DIESSEL, Holger. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- FINKBEINER, Rita (ed.) On the role of pragmatics in Construction Grammar, special issue of *Constructions and Frames*, v. 11, n. 2, 2019.
- FRASER, Bruce. Pragmatic markers. *Pragmatics* v. 6, pp. 167-90, 1996.
- GISBORNE, Nikolas. *The Event Structure of Perception Verbs*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GISBORNE, Nikolas. Constructions, Word Grammar, and grammaticalization. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.). Special Issue on Variation, Change, and Construction in English, *Cognitive Linguistics* v. 22, pp. 155-82, 2011.
- GISBORNE, Nikolas. Defaulting to the new Romance synthetic future. In: GISBORNE, Nikolas; HIPPESEY, Andrew (eds.). *Defaults in Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences* v. 7, pp. 219-24, 2003.
- GOLDBERG, Adele E. *Explain Me This*. Princeton: Princeton University Press, 2019
- HILPERT, Martin. *Germanic Future Constructions: A Usage-based Approach to Language Change*. Amsterdam: Benjamins, 2008.
- HILPERT, Martin. *Constructional Change in English: Developments in Allomorphy, Word-Formation and Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, Martin. Three open questions in diachronic construction grammar. In: COUSSEÉ, Evie; OLOFSSON, Joel; ANDERSSON, Peter (eds.). *Grammaticalization meets Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2018, pp. 22-39.

HILPERT, Martin. *Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden: Brill, 2021.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (eds.). *What Makes Grammaticalization - A Look from its Fringes and its Components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, pp. 21-42.

HOFFMANN, Thomas. What would it take for us to abandon Construction Grammar? Falsifiability, confirmation bias and the future of the constructionist enterprise. *Belgian Journal of Linguistics* v. 34, pp. 149-161, 2020.

HUDSON, Richard. The rise of auxiliary do: verb-non-raising or category strengthening? *Transactions of the Philological Society* 95, pp. 41-72, 1997.

HUDSON, Richard. *An Introduction to Word Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. Subjectification. *Cognitive Linguistics* v. 1, pp. 5-38, 1990.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. (eds.). *Clause Combining in Discourse and Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1988, pp. 181-225.

LENKER, Ursula. Knitting and splitting information: medial placement of linking adverbials in the history of English. In: PFENNINGER, Simone E. et al. (eds.). *Contact, Variation and Change in the History of English*. Amsterdam: Benjamins, 2014, pp. 11-38.

LYONS, John. Deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In: JARVELLA, Robert J.; KLEIN, Wolfgang (eds.). *Speech, Place, and Action: Studies in Deixis and Related Topics*, pp. 101-124. New York: Wiley, 1982.

PETRÉ, Peter. *Constructions and Environments: Copular, Passive, and Related Constructions in Old and Middle English*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHMID, Hans-Jörg. *Dynamics of a Linguistic System: Usage, Conventionalization, and Entrenchment*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

SOMMERER, Lotte. *Article Emergence in Old English: A Constructionalist Perspective*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2018.

SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 2020.

SWEETSER, Eve E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. From propositional to textual and expressive meanings: Some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*, Amsterdam: Benjamins, 1982, pp. 245-71.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The development of “digressive” discourse–topic shift markers in English. In: FAGARD, Benjamin; CHAROLLES, Michel (eds.). *Topic Shifters in a Contrastive Perspective*, Special issue, *Journal of Pragmatics* v. 156, pp. 121-35, 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Ten lectures on a Diachronic Constructionalist Approach to Discourse Structuring Markers*. Leiden: Brill, 2022a.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse Structuring Markers in English: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics*. Amsterdam: Benjamins, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme (eds.). *Gradience, Gradualness, and Grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. Functionalism and Change in the language network. Paper presented at the online International Seminar of Functional Linguistics (SILF VI), 24 June 2022.

TROUSDALE, Graeme; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Rethinking constructionalization: The history of by the way. Paper presented at ISLE 6, Jeonsuu, Finland, 2021.

UNGERER, Tobias; HARTMANN, Stefan. *Constructional Approaches, Past, Present, and Future*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. <https://doi.org/10.1017/9781009308717>. (Open Access)

ZEHENTNER, Eva; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins. 2020, pp. 168-211.